

BRAÇO MORTO

Rastros do arroio Santa Bárbara em Pelotas/RS

BRAÇO MORTO
Traces of the Santa Bárbara stream in Pelotas/RS

**Valentina de Farias Betemps da Silva¹,
Livia Marques Boyle² e Daniela Vieira Goularte³**

Resumo

O presente trabalho trata de uma experimentação cartográfica na cidade de Pelotas-RS, realizada sob a ótica da saúde planetária, e direcionada a um curso d'água aterrado na década de 1960, na região histórica da cidade: o arroio Santa Bárbara. Essa cartografia busca um olhar crítico em relação à urbanização que parte do desmembramento de cursos hídricos, em prol de uma malha urbana que segue a marcha do Capitaloceno, e reflete acerca das consequências sociais, ecológicas, memoriais e até ontológicas da supressão/deslocamento de corpos d'água. A partir do método-instrumento da caminhografia urbana, criou-se um registro de rastrodeteção desse corpo hídrico apagado da malha pelotense. Por fim, reflete-se acerca das controvérsias que cercam o processo, e de que modo a rastrodeteção pode contribuir como uma prática que permita atentar para a crise socioambiental presente no espaço urbano, e leva a pensar em planejamentos alternativos para futuros possíveis.

Palavras-chave: cartografia; saúde planetária; caminhografia urbana; rastrodeteção; Arroio Santa Bárbara.

Abstract

This work presents a cartographic experiment in the city of Pelotas-RS, conducted from the perspective of planetary health, focusing on a watercourse, which was filled during the 1960s in the city's historical region: the Santa Bárbara stream. This cartography seeks a critical perspective on urbanization that stems from the dismemberment of watercourses, in favor of an urban fabric shaped by the advance of Capitalocene, and reflects on the social, ecological, memorial, and even ontological consequences of the suppression/displacement of water bodies. Using the method-instrument of urban walkography, a trace-detection record of this water body, erased from the city's grid, was created. Finally, the paper reflects on the controversies surrounding this process, and how trace-detection can contribute as a practice that pays attention to the socio-environmental crisis present in urban spaces, and thinks about alternative planning for potential futures.

Keywords: cartography; planetary health; urban walkography; track detection; Santa Bárbara Stream.

Introdução

O presente trabalho foi apresentado como articulação final no âmbito da disciplina *Cartografias: Tecnopolíticas e Geopoéticas*, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo (PPGAU-IAU) da Universidade de São Paulo (USP) ministrada pelos professores David Sperling e Luciano Bernardino da Costa, durante o primeiro semestre de 2025. Nela, nos foi proposto o desenvolvimento de uma experimentação cartográfica sob a ótica da saúde planetária.

Ao pensar um processo cartográfico experimental relacionado ao tema emergente da saúde planetária, fomos mobilizadas de imediato pelas enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul, e desenvolvemos uma cartografia a partir do nosso chão, na cidade de Pelotas-RS. Partimos do entendimento de que a saúde planetária compreende a relação intrínseca entre a saúde humana e a saúde dos sistemas naturais que sustentam a vida no planeta. Nesse sentido, as enchentes que afetaram grande parte do estado e os graves impactos sociais delas decorrentes configuram sintomas evidentes das graves mudanças climáticas e ambientais globais.

Eventos extremos dessa natureza estão associados às alterações dos ciclos pluviométricos que, por sua vez, relacionam-se ao aumento da temperatura média global, intensamente impulsionado pelas atividades humanas. Esse problema está diretamente ligado à ideia de Antropoceno, termo inicialmente proposto por Paul Crutzen, e que ganhou ampla repercussão ao alertar o mundo sobre como as ações humanas estariam exercendo impactos de magnitude planetária, produzindo alterações nas camadas estratigráficas da Terra. Contudo, para diversos especialistas, o conceito de Antropoceno apresenta limitações, ao atribuir genericamente à humanidade a responsabilidade pelas transformações ambientais em curso. Para eles, esse conceito homogeneiza diferentes processos históricos e formas de organização social, e obscurece o papel desempenhado pelo modo de produção capitalista na intensificação da degradação ambiental. Entre as diversas propostas conceituais, que buscam identificar com maior precisão as origens históricas e estruturais da atual crise ecológica, o termo Capitaloceno destaca-se por evidenciar o papel central das dinâmicas de acúmulo de capital e exploração da natureza na produção do adoecimento planetário (Moore, 2022).

Mirando essa ferida recente – as enchentes de 2024 – detivemos nosso olhar numa cicatriz antiga que ainda pulsa, de modo presente, no nosso espaço: o arroio Santa Bárbara. Esse curso d'água cruzava parte do centro histórico da cidade até a década de 1960, e foi suprimido da paisagem. Contudo, ao menor volume de chuva, as águas encontram seus caminhos, ocupando seu curso original, e a memória do território sempre retorna. Na enchente, o banhado do arroio se mostrou, submergindo parte da cidade. Ao caminhar no território em busca desse curso que insiste em tentar fluir, se torna nítida *uma cicatriz, uma costura pulsante* que transpassa a cidade. No leito do Braço Morto⁴ do Santa Bárbara, encontramos *dois trechos vivos - semi amputados, membros morto-vivos*, que nos incitam a refletir criticamente sobre a forma como os humanos vêm há muito tempo cometendo injustiças ambientais.

¹ Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFPeI) e Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (UFPeI/2024).

² Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFPeI) e Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (UFPeI/2024).

³ Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFPeI), Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPeI/2021) e Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (UFPeI/2006).

⁴ *Braço Morto* é uma expressão local e coloquial, atribuída ao antigo leito do arroio Santa Bárbara, principal curso d'água da Bacia Hidrográfica do Arroio Santa Bárbara. A expressão combina a palavra *braço*, que em termos hidrológicos se refere a um dos afluentes que integram uma rede hidrográfica, mas que neste caso não se aplicaria, tecnicamente, por se tratar do principal curso hídrico da bacia. Estima-se portanto, que o termo *braço* faça analogia ao membro do corpo humano, como parte de um todo orgânico. A palavra *morto* faz alusão ao *rio morto*, que se refere a um curso d'água que perdeu sua função ecológica, seja por causas naturais, ou devido à ação humana.

A experiência cartográfica nos possibilitou uma leitura crítica do espaço urbano como lugar de análise, compartilhamento e construção coletiva de consciência. Ainda que situada em uma escala local e circunscrita, essa experiência permitiu identificar uma pequena amostra de uma crise sistêmica mais ampla. Trata-se de uma crise que evidencia a dissociação entre seres humanos e natureza, cujas raízes estão associadas à racionalidade moderna ocidental e ao ideal de progresso contínuo. Sob essa lógica, a natureza é frequentemente concebida como recurso a ser explorado e colocado a serviço dos interesses humanos, contribuindo para a intensificação dos desequilíbrios socioambientais que caracterizam nossas cidades na contemporaneidade.

O objetivo deste trabalho é retratar uma breve experiência de aterramento⁵ e reflexões acerca dos rastros desse corpo. Por meio da caminhografia urbana (Rocha e Santos, 2024) e da rastrodeteção (Kemmer, 2024), para o registro de relações mais-que-humanas (Sperling, 2024), buscando nos envolver e entender os processos que levaram à perturbação do Santa Bárbara, articulando investigação sensível e crítica. A partir disso, esses rastros são tratados, configurando uma forma de tensionamento da realidade posta e seus desdobramentos, procurando outros modos de pensar o espaço urbano no contexto da saúde planetária.

A cidade das águas: memória e território

Historicamente, Pelotas sofre com essa relação conflitante entre o homem e a natureza⁶. A cidade caracteriza-se pela abundância de cursos d'água, e pela sua relação dicotômica com esses corpos hídricos. De um lado, essa riqueza natural favoreceu o transporte hidroviário, que contribuiu para impulsionar o povoado emergente no início do século XIX, garantindo-lhe expressivo desenvolvimento econômico e contingente populacional. Por outro lado, a preservação das margens desses cursos, fundamental para a manutenção da saúde ambiental e do bem-estar humano, foi ignorada, e seus leitos foram gradativamente ocupados pelo avanço da urbanização. Quando os níveis d'água aumentam e buscam suas margens, mas no lugar destas encontram ruas, casas, entre outras construções feitas pelo homem, eles causam transtornos à população – e a vítima torna-se algoz.

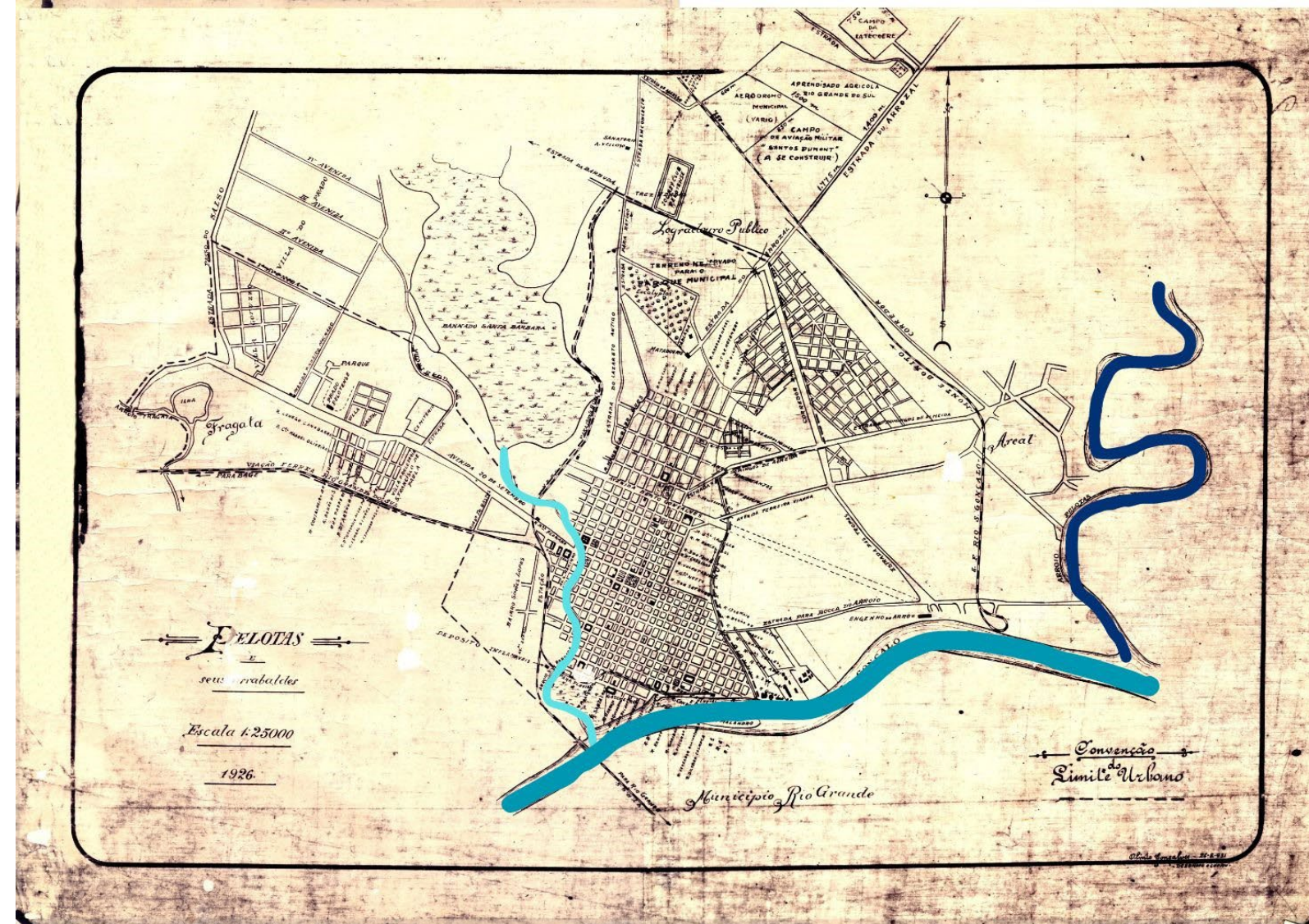
Para sair do lugar comum é preciso reconhecê-lo. Situar nossa experiência cartográfica no tempo e espaço tradicionais faz parte deste processo. Com isso, retornamos na cronologia que, contudo, se mostra como uma camada visível e atual desse chão.

O povoado que deu origem à freguesia de São Francisco de Paula, e posteriormente à cidade de Pelotas, ergueu-se na coxilha limitada pelo canal de São Gonçalo e o arroio Santa Bárbara. Esse arroio ligava o banhado Santa Bárbara até o canal São Gonçalo. Datada de 1812, a freguesia teve suas origens vinculadas à produção do charque às margens do arroio Pelotas, atividade iniciada por volta dos anos de 1780. Nessa época o arroio Santa Bárbara tinha peixes, embarcações de pesca e passeio, salsos-chorões e lavadeiras (UCPel, 2009).

O crescimento do espaço urbano ao longo do século XIX, avançou em direção ao Santa Bárbara, dando início às contradições da urbanização e a coexistência do luxo e do lixo. Durante a segunda metade do século XIX, Pelotas equiparava-se à capital

⁵ Aterramento aqui significa tirar os humanos da centralidade, e inseri-los junto aos não-humanos em conjuntos de seres multiespécies, como atores que agem na rede que compõem as *zonas críticas* de Gaia (Latour; Lenton, 2019 *apud* Sperling, 2024).

⁶ Vídeo com imagens antigas das enchentes na cidade de Pelotas. Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/C6wFyOFglwm/?igsh=MTgyemR0a2kxc2o2>>. Acesso em: jul. 2025.

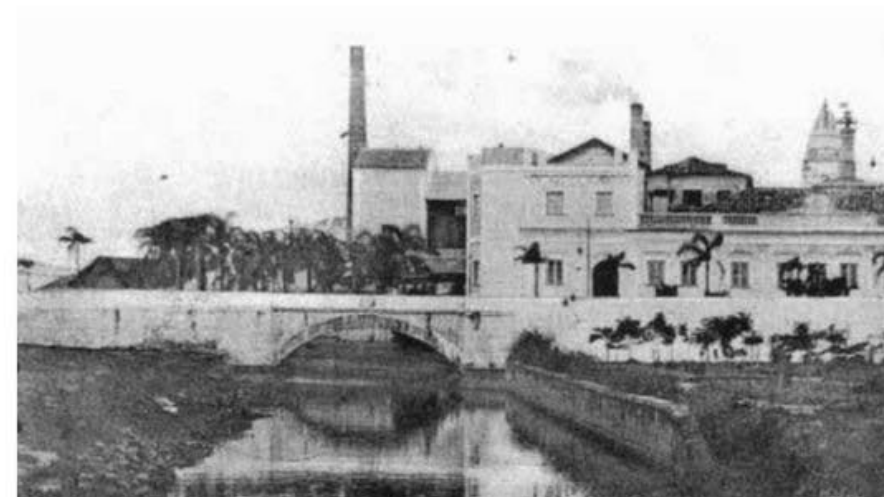


da província, tanto nos aspectos de produção econômica, população, construções e equipamentos públicos, quanto no desenvolvimento de atividades sociais e culturais, por isso era reconhecida como Atenas Rio-Grandense (Magalhães, 2012). Em contrapartida, o arroio Santa Bárbara, cuja beleza natural somava-se ao espaço urbano, teve suas águas límpidas gradativamente contaminadas pelos despejos de resíduos diversos - domésticos, industriais e hospitalares - da população *ateniense*.

Após décadas de estudos e análises em prol de solucionar o estorvo que o arroio havia se tornado para a população, a solução encontrada pelas autoridades foi o seu desterramento, traduzido naquele contexto antropocêntrico, progressista, higienista e modernista - a base do modelo do capitaloceno - como obras públicas para melhorias da qualidade de vida da população. A obra de canalização e desvio do arroio ocorreu em 1968, junto com a construção da Barragem e da Estação de Tratamento de Água, e com a instituição do I Plano Diretor de Pelotas. Juntos, esses projetos prometiam a solução do problema do saneamento, do abastecimento de água, e do ordenamento e modernização do território (Peter, 2004).

As narrativas dominantes dizem que o alto índice de poluição e as enchentes, decorrentes do adensamento populacional em torno do arroio, tornaram-o uma ameaça à saúde pública, devendo ser canalizado e desviado. As narrativas *dominadas* reconhecem a insolência humana em não coexistir em harmonia com seres não humanos ou mais-que-humanos (cursos hídricos e seu ecossistema), e possivelmente, também reconheçam a covardia por contaminar, e posteriormente expulsar, desterrar e banir do seu próprio território esses mesmos seres.

Figura 1 - Mapa histórico da cidade de Pelotas datado de 1926: em azul claro o arroio Santa Bárbara; em azul o canal São Gonçalo; e em azul escuro o arroio Pelotas.



A rastrdetecção e o chão como testemunha de violências

Laura Kemmer (2024), cientista urbana alemã, nos apresenta diferentes obras artísticas que expressam uma tradição de seu país, chamada *Spurensicherung*⁷, cujo escopo era a coleta e documentação de evidências de acontecimentos no contexto do pós-Guerra, na cidade de Berlim: “[...] os chãos de Berlim como feridas abertas cujos solos conservam histórias de dominação e de violência humana” (Kemmer, 2024, p.89). Nesses exemplos, aponta o chão como principal objeto de estudo, veículo e testemunha das políticas de urbanização em questão, tidas como ambientalmente violentas. A partir dos rastros expostos, a autora articula reflexões críticas acerca da ecologia, evidenciando a grande controvérsia do constante distúrbio de um indivíduo vivo, que alimenta, hospeda e serve de substrato para tantos outros indivíduos, incluindo seu maior agressor.

Kemmer (2024) cita Sybille Krämer (2007), filósofa alemã, que trata da rastrdetecção como um ato banal, desempenhado por pessoas em suas rotinas comuns, representando uma prática *reflexiva, crítica e transformadora*. A filósofa relaciona o exercício a um rastreamento sensorial, que se configura a partir de três aspectos. O primeiro dos aspectos do rastro diz respeito a uma ausência, ou seja, a **presença** de um rastro indica a ausência de alguma outra coisa. O segundo aspecto trata da **materialidade** de um rastro, sua visibilidade sugere estar indicando algo, os rastros *mostram, mas não falam*. O último aspecto é o entendimento desses como **perturbadores**, isto é, um rastro só se configura após a perturbação de alguma coisa: “[...] um traço manifesta uma forma de violência, ele exemplifica o poder de se inscrever e de deixar uma marca.” (Kemmer, 2024, p.82).

A cientista entende os exercícios de rastrdetecção como ferramentas de denúncia de processos antiambientais, eurocêtricos e brancos, que fomentam movimentos ecopolíticos, reivindicando uma justiça ambiental (Kemmer, 2024). Além disso, destaca a importância de um método afetivo-sensorial na aproximação com esses rastros, partindo do tocar, cheirar, sentir et cetera:

[...] as ecologias evidenciadoras [...] permitem manter um balanço frágil entre a responsabilização das autoridades públicas pelas múltiplas trajetórias da violência urbana e, ao mesmo tempo, as diversas práticas corporais, sensoriais e afetivas de reivindicar formas alternativas de reparação e de cura planetária (Kemmer, 2024, p.97).

David Sperling e Ana Luiza Nobre (2024) também trabalham com o conceito do chão como testemunha da urbanização. Para isso, reúnem uma antologia de trabalhos que mapeiam pegadas remanescentes da ação humana sobre o solo, sob um ponto de vista crítico perante a produção urbana capitalista, com o pretexto de articular sobre as violências contra o espaço. Intitulado de *Atlas do Chão*, o conjunto das obras apresentadas critica a reprodução geográfica física em sistemas GIS⁸, de modo a evidenciar disfunções no conteúdo destas, e dão luz a mapeamentos cartográficos não convencionais, buscando leituras sob óticas marginalizadas, que partem de reflexões mobilizadas pelo *colapso social-ambiental-urbano-político*. Por meio de um atlas de imagens, pensando nas políticas de aterramento, são expressos sentidos e afetos atrás de outros futuros para seus chãos.

7 Traduzida como *reter traços* ou *rastrdetecção* (Kemmer, 2024).

8 Sistema de Informação Geográfica.

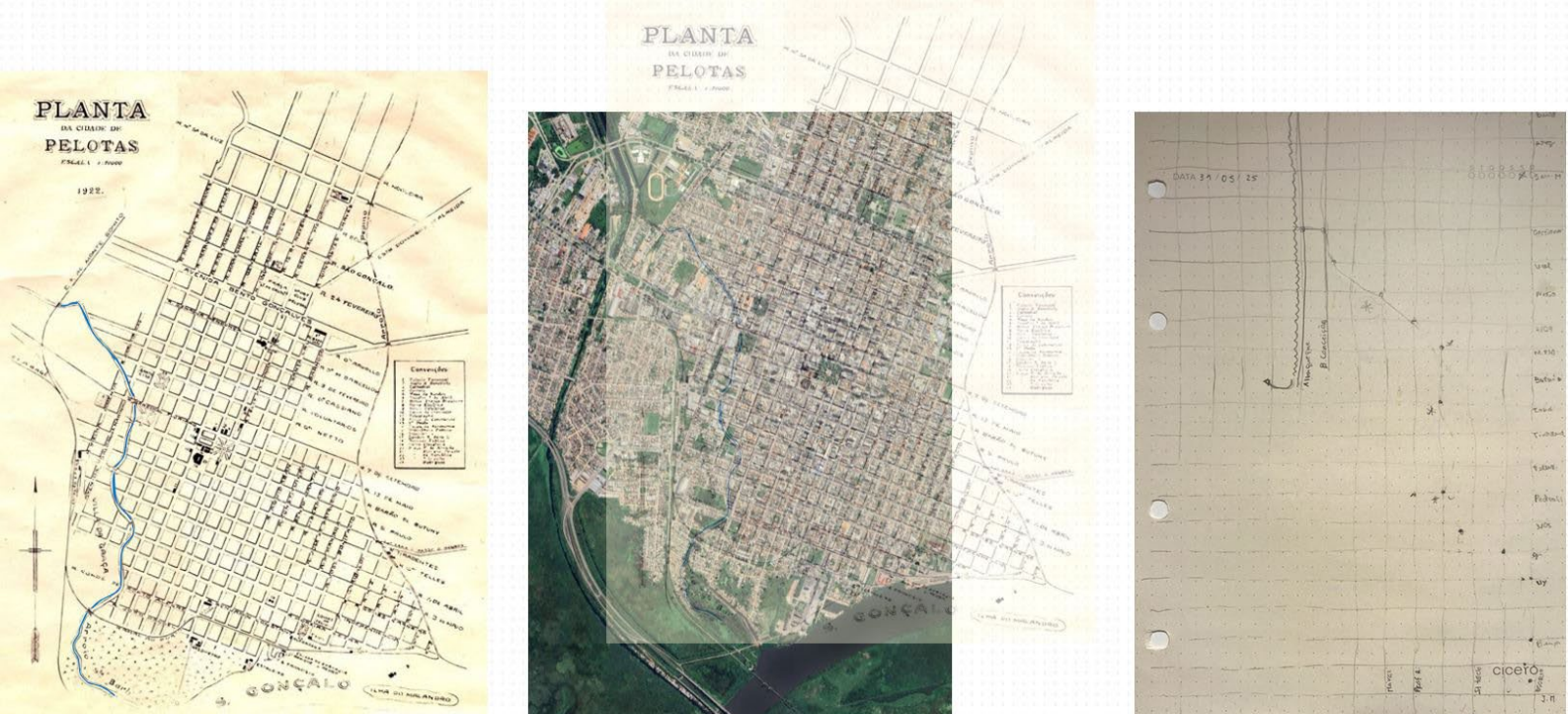


Figura 3 - À esquerda - mapa datado de 1922, em azul destacamos o curso do arroio Santa Bárbara. Ao centro - a sobreposição de mapas 1922 x 2025; mais ao sul enxerga-se o encontro do arroio com o canal São Gonçalo. À direita - o nosso mapa, que nos guiou analogicamente pelas passadas águas do Santa Bárbara. Fonte: À esquerda - Acervo do Neab; Ao centro - Google Earth e acervo do Neab, manipulado pelas autoras; À direita - autoras, 2025.

Com esses, entendendo a importância de olhar nosso território, repleto de história, e entendendo o curso d'água como uma ferida que tentaram apagar – e que nunca cicatrizou. Partimos à caminhada.

Procedimento metodológico: caminhografia urbana como método-instrumento

Caminhamos para encontrar perguntas e respostas, [...] para criar pistas para uma cidade outra, [...] que reverta o sentido idealizado da arquitetura (Rocha e Santos, 2023).

Assim como a rastrodeteção, a caminhografia presta atenção em aspectos subjetivos de um objeto, e quer entendê-lo sob um ponto de vista. Ela registra, joga e cria. Ela parte para registrar o encontro com algo ou alguém; ela transmuta em jogo, na experimentação; e acaba na criação de algo novo (Rocha e Santos, 2023). Aqui, procuramos entender o processo que apagou esse corpo, e possíveis evidências da sua forma inicial, associando os métodos para pensar a urbanização sob a perspectiva da saúde planetária. Caminhamos como forma de investigação poética, buscando os rastros desse curso d'água posto de lado pela cidade. Para encontrá-lo, trabalhamos em três etapas: a preparação, as incursões em campo – onde se registra e joga – e a elaboração – onde se cria.

A preparação se deu no chão do texto, da pesquisa histórica, da coleta de informações. Agenciando conceitos, em busca das teorias e discutindo visões, nessa etapa elegemos a rastrodeteção como ferramenta de análise para produção caminhográfica. Ordenamos os possíveis trajetos, buscando mensurar o tempo necessário, o horário propício, treinando o olhar para prestar atenção e se deixar envolver ao mesmo tempo.

As incursões naturalmente buscaram construir um mapa, sobrepondo o antigo traçado do curso à malha urbana atual. Com isso, fomos coletivamente ao encontro do Santa Bárbara. Tentamos encontrá-lo, olhando para o chão, para os muros, para os ares. Prestando atenção aos seres que testemunharam as políticas de seu desmembramento, participam das tragédias naturais e indicam nosso futuro. Caminhamos em busca do percurso original do arroio, que foi totalmente desviado, por cortar o centro da cidade. Desde o seu encontro com o canal São Gonçalo, no bairro do Porto, mais ao sul; até onde encontrava seu banhado, hoje sob o terreno da rodoviária da cidade, no bairro Fragata, mais ao norte.

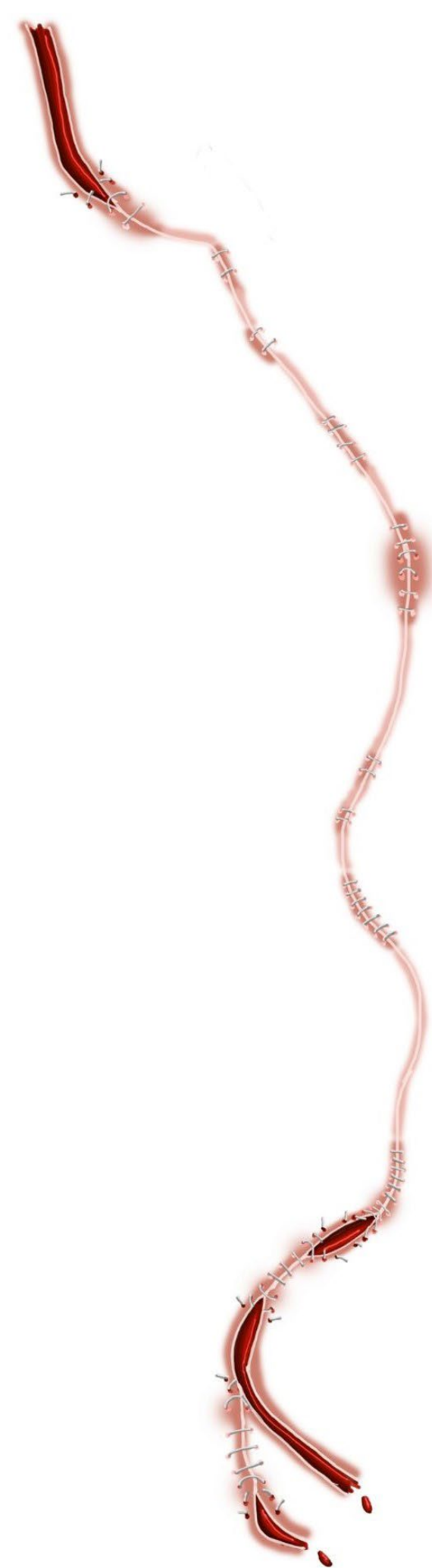
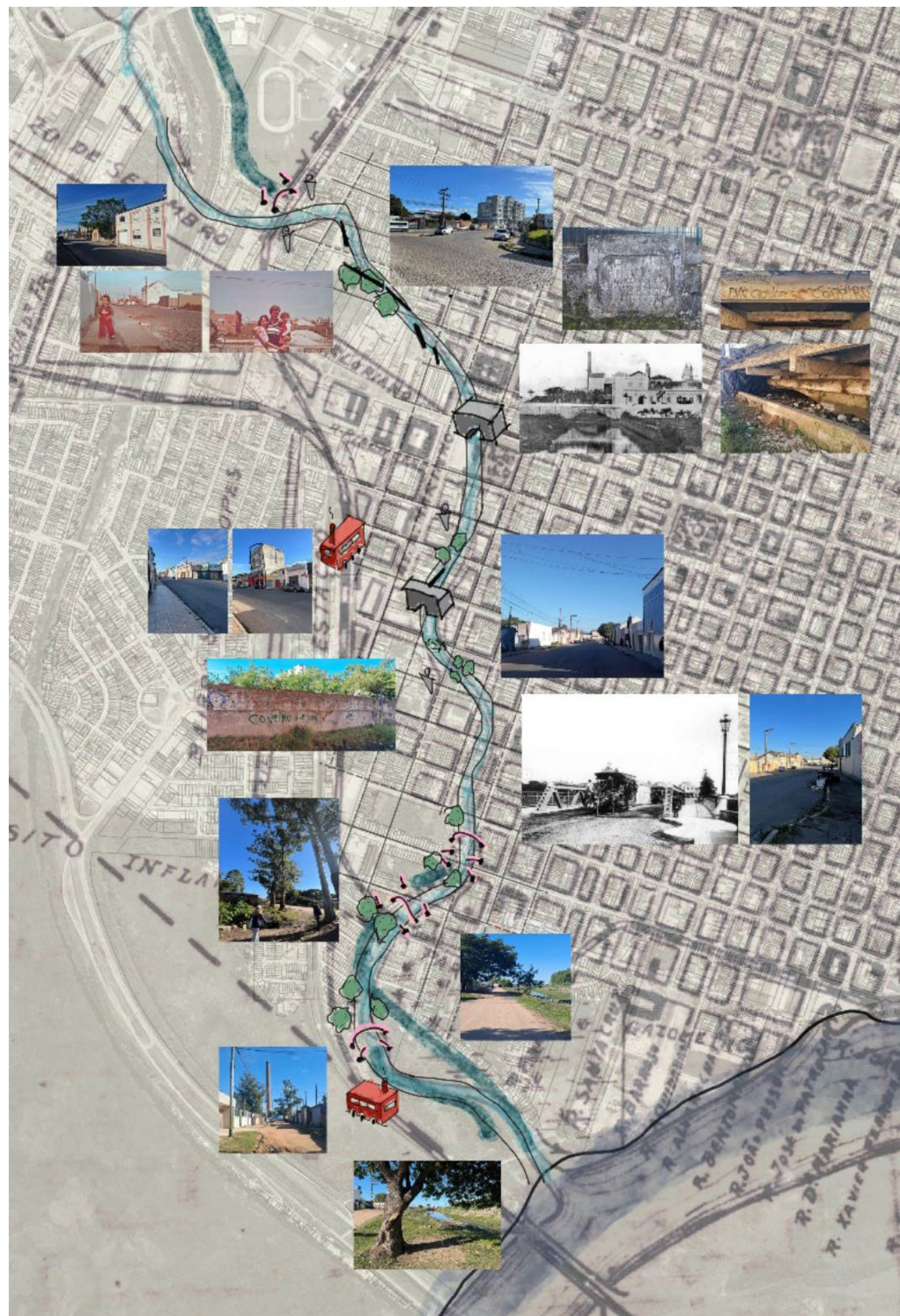


Figura 4 - A cicatriz do Santa Bárbara. Fonte: autoras, 2025.



Durante o trajeto, registramos o que encontramos. Além de transitar, buscamos por meio de todos os sentidos ler o ambiente com nossa experiência sensível, extrapolando as informações dos sistemas tradicionais. Com esses encontros, produzimos registros fotográficos, escritos, desenhados, falados e experienciados. Produzimos novas ideias.

O jogar aparecia quando nos deixamos ser paradas, ao invés de pararmos alguém – atraindo, no lugar de retrain. Essa abertura é o que cria espaço para novas expressões subjetivas, novas regras. As impressões do corpo não são apenas físicas, são psíquicas. Os relatos se relacionavam à substancial presença do curso, onde foi aterrado e onde encontramos seus restos – moradores o recordam a cada cheia.

Acabamos na criação, escrevendo. Tally Jr. (2015) diz que escrever é como desenhar um mapa, e fazer um mapa é como contar uma história. Assim, desenhemos as operações sofridas pelo Santa Bárbara. Elaboramos uma imagem do trecho *amputado*, conectado à *deiscências semi-amputadas*, que formam essa cicatriz urbana que frequentemente inflama. Essas nos lembram dele, enquanto ele não volta, até o próximo mês de maio. O Braço Morto, o leito aterrado, o canal desviado, as vegetações persistentes, as áreas alagáveis, as pontes, os resquícios na malha urbana, a topografia.

“Historicamente, mapas controlam e abrem formas de ver. Operam neles regimes de visibilidade, do que pode e não pode ser visto” (Sperling, 2024, p. 60). Em nossa experiência cartográfica, partimos de mapas tradicionais, concebidos como dispositivos de poder sobre o espaço, aqueles que controlam, e fomos em direção a uma abertura para novas formas de ver. Com a caminhografia, nossos corpos acessaram lugares e visualizamos aquilo que os mapas não mostram. Nos deslocamos de uma perspectiva cartográfica apreendida de forma abstrata sobre a nossa cidade, para uma experiência estética e sensível.

Caminhamos para ir de encontro ao que a cidade faz, pede, e leva. Em transurbância ou no ziguezague deleuziano, por vezes desafiadores, somos tomadas por contradições, controvérsias e transbordamentos de situações vividas. (Rocha e Santos, 2023)

Processos em curso: produção subjetiva

Cartografar é acompanhar processos (Kastrup e Barros, 2009, p.52)

A ideia de inserção em um processo em curso é algo que perpassa – transpassa, atravessa, flui – por todo esse trabalho. Começamos pelo meio: meio da história, meio do caminho geográfico, no meio do curso do arroio. Um meio que não é para chegar a um fim, como tantos outros meios, mas para ser percorrido. O percurso do processo revela ao cartógrafo, mais que ao lugar, ele mesmo e seu próprio olhar, ali refletido. Isabelle Stengers (2000) nos apresenta a intenção da ciência moderna “de tornar ‘verdadeiramente verdadeiros’, descobertos, e não inventados, os seres cujo testemunho fidedigno o laboratório produz” (Stengers, 2000, p.111). Esse olhar não nos cabe em um contexto tão complexo, cheio de nuances.

Assim, nos inserimos no processo para “[...] desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. Para isso é preciso, num certo nível, se deixar levar por esse campo coletivo de forças” (Kastrup e Barros, 2009, p.57).



Produzir subjetividade, aceitar que essa não é a verdade absoluta, mas uma das verdades. Isso não significa que o processo é incerto e sem regras, muito pelo contrário. Significa que nos libertamos do pensamento de que é preciso desenvolver a pesquisa, passamos a nos envolver nela (Krenak, 2020).

Dentro dessa envoltória de sentidos, os três aspectos do rastreamento sensorial estabelecidos por Krämer (2007 *apud* Kemmer, 2024, p. 82) - presença, materialidade e o aspecto perturbador do rastro – se apresentaram. No que tange a presença dos rastros, foram diversos os registros: de elementos naturais e construídos, de elementos antigos e novos, de elementos da cidade legal e da cidade informal. Muitos deles, sutis.

Primeiro e segundo aspectos do rastreamento sensorial: presença e materialidade do rastro

Em nossa busca, caminhamos por onde percorreria o antigo leito do arroio. Nesse percurso, conversamos com poucos ocupantes do espaço que passaram por nós: “muito lixo aqui né?” “eu quase comprei uma casa que construíram em cima desse rio” “esse canal vem lá do centro, passa ali por trás e chega lá na rodoviária” “sempre que chove, alaga tudo do lado de lá”. Todos curiosos com a nossa presença que mapeia uma ausência: carregávamos celulares, cadernos, pranchetas; caminhávamos em manhãs ensolaradas de sábados, após dias úteis chuvosos, olhando para todos os lados; nos perguntávamos se estaríamos incomodando.

Fora as impressões na memória local, detectamos algumas físicas, presenças com materialidades. Em meio à urbanização, diversos terrenos baldios localizados pontualmente sobre o antigo leito, neles observamos a existência dominante de seres não-humanos, predominantemente verdes, com forte tendência ao crescimento nas fachadas e calçadas. Numa cidade úmida, locais com mais umidade que o usual passam muitas vezes despercebidos, mas o exercício da atenção do cartógrafo nos levou a detectá-los. E quanto mais em direção ao Braço Morto – vivo – e seu encontro com o canal São Gonçalo, mais emergia desse chão a água, suprimindo os seres que ali se desenvolvem.

No exercício de atenção às fachadas identificamos algumas diferenças de temporalidade entre as edificações que ficavam à margem do curso do arroio, e as que estavam sobre o antigo leito. A arquitetura histórica, muita característica e cara ao centro pelotense, desaparecia onde uma vez teria passado o corpo d’água, dando lugar a edifícios de arquitetura contemporânea, terrenos baldios (como já mencionado) murados e alguns estacionamentos.



Mais próximo ao centro da cidade, as curvas de nível e as pequenas alterações do traçado viário demarcaram os rastros. Ir em direção ao outro extremo, o encontro do Santa Bárbara com seu banhado – ao norte –, foi como percorrer a beira de um rio. Na esquina da Rua Sete de setembro com a Rua Marílio Dias (Figura 8, segunda linha, terceira foto), a malha viária apresenta um caminho curvo tão natural que não poderia ter sido desenhado por mão humana. É um rastro mais-que-humano. E corresponde exatamente ao curso do Santa Bárbara nos mapeamentos históricos. Nos registros cartográficos estudados, a partir de uma vista superior ortogonal, percebemos também lotes irregulares, indicando esse mesmo antigo percurso do arroio.

No imaginário coletivo dos pelotenses a cidade de Pelotas é praticamente plana. Contudo, no centro da cidade existem desníveis que indicam a topografia original do arroio. Em nossa caminhografia percorremos algumas dessas ruas, que às vezes caem suavemente, e às vezes têm um desnível que nega o senso comum, configurando subidas e descidas raras na estrutura viária do centro. Os dias ensolarados não nos permitiram buscar por áreas inundadas, no entanto encontramos em um ponto, um princípio de alagamento: aos fundos de um grande lote gramado, sobre as antigas águas do arroio.

O mais expressivo, e simbólico, dos rastros que indicam que o arroio Santa Bárbara cortava o centro da cidade é a Ponte de Pedra da Praça Cipriano Barcelos (figura 10). Sobre ela, sob ela e no entorno dela, transitam diariamente inúmeros usuários – à pé, de bicicleta, ou de automóvel –, que pisam e até moram no leito aterrado do arroio. Aqui reencontramos o *Coveiro da Cova* (figura 10, segunda linha, segunda foto), que parece uma assinatura urbana, um pseudônimo, relacionado à demarcação simbólica de um território, e que coincide com o território ocupado pelo antigo arroio, pois identificamos essa assinatura em outros muros que cercam o braço morto. Os pelotenses não percebem a estrutura inusitada, a placa quase apagada pela umidade que aponta sua reforma (figura 10, segunda linha, quarta foto), sua praça enterrada adjacentemente (figura 10, primeira linha, terceira foto), eles transitam com pressa pelo centro comercial e histórico da cidade. E é esse alto nível de ocupação que indica a motivação do aterramento. Sua presença é o que demarca o trajeto natural do arroio, que em algum momento serviu ao desenvolvimento econômico da cidade, e em outro momento foi visto como empecilho à sua devida ocupação.



Por fim, apresentamos os mais evidentes vestígios de uma existência passada, partes do próprio corpo desmembrado, o(s) Braço(s) Morto(s) do Santa Bárbara. Ficamos surpresas ao encontrar suas extremidades, geograficamente localizadas às margens da centralidade urbana, nas periferias, ele resiste. Mais ao sul, quando o arroio encontra o canal São Gonçalo, ele *(re)nasce* surgindo por baixo de uma residência (Figura 11, primeira linha, quarta foto). Nesse ponto ele cruza um conjunto residencial, servindo como área de lazer dos moradores. Ao norte ele faz um movimento parecido, surgindo por baixo de uma rua (Figura 11, segunda linha, terceira foto). Com seu aparecimento ele divide duas significativas ocupações, também residenciais, servindo como fundo dos lotes, que começam a poucos centímetros de suas margens.

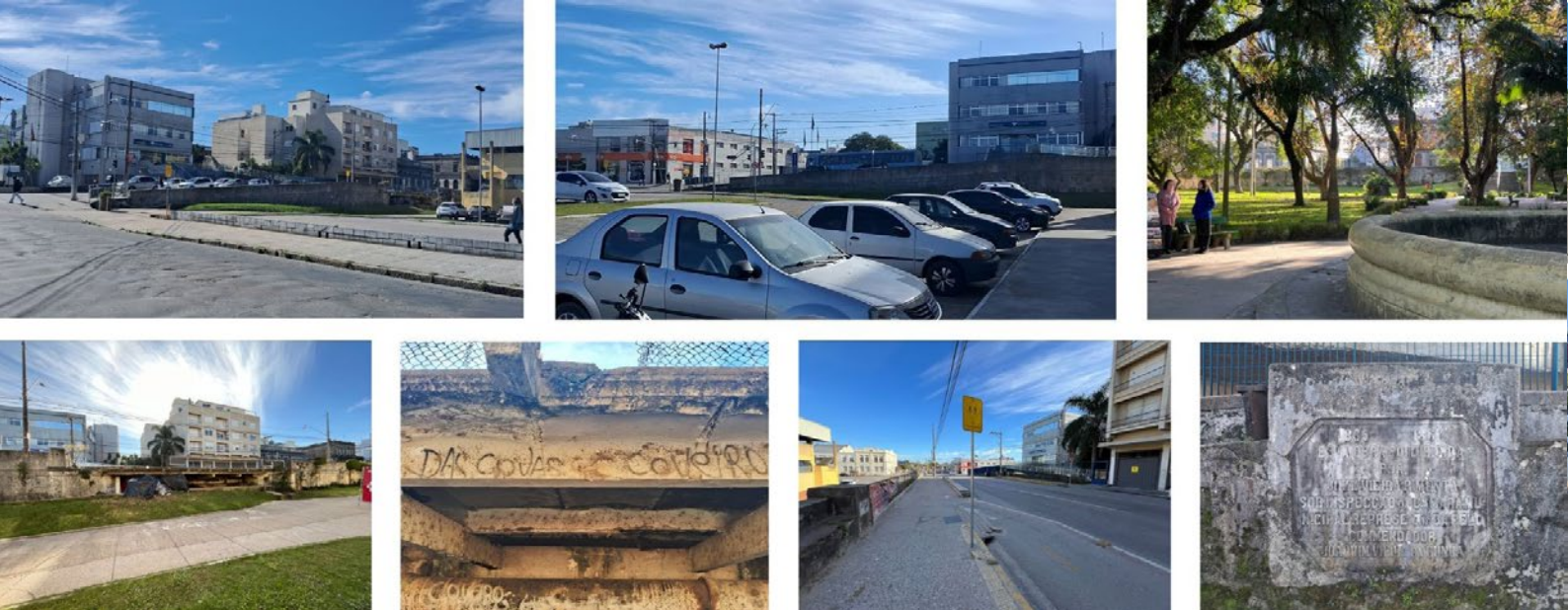
Terceiro aspecto do rastreamento sensorial: o aspecto perturbador (análise crítica)

A arte de saber ler rastros, em alemão *Spurenlesen*, representa o rastreamento sensorial por meio do tocar, cheirar e do sentir. Essa expressão foi cunhada por Krämer (2007) ao relacionar etimologicamente a palavra *Spur*, que no idioma alemão significa o ato de deixar uma marca no solo, uma pegada, com a palavra *Spüren*, que significa a prática de sentir, o sensorial (Kemmer, 2024). O rastreamento sensorial nos foi oportunizado nessa experiência cartográfica, quando cada uma vivenciou a sua experiência individual, mas que em diversos momentos aspectos comuns da experiência foram compartilhados coletivamente. Para além dos sentidos, a mente reflexiva atuando em conjunto neste rastreamento sensorial, possibilitou a produção de subjetividades.

A nossa caminhada tinha um ponto de partida e uma intenção, fora isso, o rumo era incerto. Mesmo com toda a preparação, nesses momentos somos postos a prova: propôr-se ao encontro requer inventividade, o despojamento das certezas para deixar-se envolver como possível pelo encontro com o território. Não sabíamos do que tratava-se o braço morto – ou os braços mortos, como viríamos a descobrir. Quando vimos pela primeira vez o trecho não aterrado do canal, saindo por baixo da última casa assentada sobre o leito soterrado, sentimos uma emoção que foi intensificada pelo som do trem que se aproximava, e que traz uma memória afetiva, nostálgica, tornando aquele momento especial por este duplo encontro. O rastro do trem indica a permanência de uma infraestrutura de transporte que ainda sobrevive a duras penas. Na sequência, andando na margem do então arroio Santa Bárbara, visualizamos uma ponte de madeira azul a vários metros de distância, em meio à vegetação que não nos permitia enxergar o horizonte, o que despertou outra sensação, um misto de entusiasmo e receio. O entusiasmo pelo fato de *saber* que o curso d'água, recentemente descoberto, se estendia por um longo caminho pela frente, apesar desse caminho ser completamente desconhecido. O receio pelo fato de estar em um território desconhecido, cercado por ocupações dos dois lados da margem, e por não saber como chegar até a ponte azul. Optamos por dar a volta, e nesse caminho o cheiro do eucalipto queimado que pairava no ar pressupunha que o calor estava presente em algum(ns) lugar(es) naquela manhã fria de outono.

Dentre os diversos rastros encontrados, tem-se, lado a lado, dois *rastros monumentais*: a Ponte de Pedra, rastro identificado como um monumento histórico de significativa importância relacionada ao arroio Santa Bárbara; e o POP Center, um centro de compras popular, construído precisamente sobre o antigo leito do arroio, cujo porte monumental configura uma barreira visual para a paisagem da Praça Cipriano Barcelos, antiga Praça Pedro II. Suas posições confrontantes promovem uma tensão, uma relação monumental contraditória. O propósito de um monumento é manter uma memória viva. “Ele é uma defesa contra o traumatismo da existência, um dispositivo de segurança. [...] Desafio à entropia, à ação dissolvente que o tempo exerce sobre todas as coisas” (Choay, 2006, p.18). Enquanto a Ponte de Pedra busca exercer seu propósito de manter viva a memória do arroio Santa Bárbara, o POP Center atua na contramão, soterrando e dispersando a memória territorial do antigo leito do arroio (figura 13).

De acordo com Robert Smithson (1966), O POP Center, pode ser considerado um monumento entrópico, com ausência de sentido, um lugar imerso em *oblivion* e na experiência do alheamento, cujos exemplos são os “centros de descontos e lojas de promoções com suas fachadas estéreis. Seus interiores constituem-se de labirintos com mercadorias primorosamente empilhadas: fileira por fileira só aumenta a alienação do consumidor” (Smithson, 1966 *apud* Telles, 2010, p. 82).



O aterramento e a urbanização sobre o antigo leito do arroio, promoveram uma considerável transformação na paisagem, que carrega consigo a tensão entre a memória e o esquecimento. Os rastros detectados na paisagem documentam a ausência, e instigam a um *dever de memória* (Ricoeur, 2008), em relação ao nosso meio ambiente, e à saúde planetária. Um *dever* de responsabilidade, não apenas individual, mas coletivo, de conhecermos nossa história, nos posicionarmos criticamente diante dos fatos passados, reconhecermos os erros cometidos para evitarmos que sejam repetidos no futuro. O *dever de memória* não se limita a um compromisso ético de não esquecer, e de honrar as vítimas, ele busca a justiça e a reconciliação.

Kemmer (2024) nos apresenta a potencialidade da *rastrdetecção* como método científico em estudos de espacialidades contemporâneas, envolvendo movimentos artísticos, desenvolvendo consciências ecológicas, e reivindicando justiça ambiental e novas formas de reparação. Nesse contexto, a autora escreve sobre o movimento *rios ocultos* de São Paulo como um caso poderoso de recuperação das memórias e presenças de populações indígenas e negras na cidade, e de resistência ao apagamento histórico da relação entre essas populações junto aos rios. Ademais, ela traz o conceito de *ecologia evidenciadora*, desenvolvida na teoria feminista, para mostrar que “evidenciar não é apenas uma prática que acontece entre o cidadão e o Estado, mas que as ‘naturezas’ urbanas e elementos como o solo e os sedimentos fornecem provas *indisciplinadas* em si mesmas que muitas vezes trazem poderosas reivindicações de justiça ambiental e reparação de todos os tipos” (p. 76).

O direito aos rios é uma reivindicação associada ao dever de memória que os rastros nos instigam. Esses seres não humanos têm o direito de existir e fluir naturalmente, de terem sua integridade preservada, com a manutenção saudável de suas funções essenciais, e de serem restaurados caso de degradação ou poluição.

Controvérsias: morto-vivo

Como exatamente os traços reconfiguram o espaço e a representação espacial? E como pode ser entendida a busca de traços dentro do solo urbano, e não apenas sob o solo, como uma metodologia, para tornar essas transformações criticamente visíveis? (Kemmer, 2024, p.82).

Perante os rastros cartografados, em especial os que dizem respeito ao fenômeno de perturbação, é possível ir para um outro nível dialógico ao abordar a ideia de controvérsia. Já na própria história desse território encontramos com controvérsias:

o arroio Santa Bárbara, como palco de retratos de riqueza e miséria, de memória e esquecimento, de progresso e degradação, de centralidade e marginalidade, humanos e natureza.

O Braço Morto foi visto por nós, inicialmente, como uma cicatriz que pulsa, latente e ardente, gerando o incômodo da contradição. A controvérsia do fluxo d’água, fechado para evitar as enchentes, mas que ainda tem suas extremidades abertas, como feridas, que transbordam aos borbotões ainda assim. Por vezes cicatriz, por vezes ferida aberta, deiscência. Que tipo de ideia produziu essa realidade? Que dispositivo (Agamben, 2005) sustenta essa solução? Certamente, um dispositivo que corrobora com a ideia de tornar dócil e previsível esse corpo não humano, que parece ter vontade própria. Nossa hipótese entende que é o Capitalismo, como um sistema complexo, que deseja disciplinar esse afluente. Por meio de diversos dispositivos articulados – discursos, instituições, leis, práticas, etc – o Capitalismo é capaz de moldar as formas e funções das cidades de acordo com seus interesses, e ainda mais, controlar o comportamento dos indivíduos, produzindo suas subjetivações. Casos como o apresentado neste trabalho exemplificam a herança deixada pela Era do Capital para o Planeta Terra, consolidando-se assim o Capitaloceno.

Stengers (2000) constrói uma outra possibilidade que acolhemos, partilhada também por Bruno Latour (2018)⁹: as *cosmopolíticas*. Segundo os autores, cosmopolíticas são o processo contínuo de construção de um mundo comum entre entidades heterogêneas. Em nossas aproximações ao objeto de estudo, percebemos a presença dessas heterogeneidades. O curso d’água que era usado como espaço aprazível e meio de locomoção, foi também local de descarte de resíduos do charque e das indústrias. Em nossas caminhadas, encontramos diversas coexistências contraditórias na contemporaneidade: humanos e não humanos, antigo e recente, centro e também margem, morto e ao mesmo tempo vivo. A maior das contradições é o Braço Morto do Santa Bárbara estar vivo - poluído, degradado, em estado de abandono - e com suas extremidades abertas. O membro mal amputado revela os dispositivos violentos criados para sustentar uma ideia de mundo. Talvez o processo proposto pelas cosmopolíticas seja o princípio de outros modos de pensar o espaço urbano no contexto da saúde planetária, de um diálogo entre mundos capaz de diminuir o abismo que os separa.

9 Tradução de Stelio Marras de “Whose cosmos? Which cosmopolitics? A commentary on Ulrich Beck’s peace proposal” in Common Knowledge, v. 10, issue 3, Fall 2004, p. 450-462. Tradução francesa: “Quel cosmos? Quelle cosmopolitiques”. In: Jacques LOLIVE e Olivier Soubeyran (orgs.). L’émergence des cosmopolitiques. Colloque de Cerisy, Collection Recherches. Paris: La Découverte, 2007, p. 69-84.



Figura 12 - Braço Morto - trecho norte, próximo à rodoviária de Pelotas. Fonte: autoras, 2025.

Considerações finais

Frente a cartografia produzida e suas reflexões, algumas considerações se fazem necessárias. A primeira é de que foi uma experiência sensível da emergência climática que mobilizou esse trabalho, levando-nos a um olhar crítico sobre os processos violentos de urbanização que buscam subjugar a natureza. Esses mesmos processos levaram um curso d'água caro à história da nossa cidade a uma posição de contradição. A segunda consideração trata do encontro dos rastros por meio da caminhografia, expressos desde pequenos elementos até grandes monumentos. Esses que por vezes nos servem como pequenas memórias de uma natureza passada, e por vezes dão lugar e abraçam *novas* águas, que invadem o ambiente que lhe roubamos. Que nos indicam um acontecimento daquele lugar passado, e nos mostram vislumbres do futuro. Passado e presente se mesclam, mostrando-se simultaneamente, e é a experiência sensorial que aponta e revela a realidade.

Um terceiro ponto, por fim, é considerar que o modo de produção capitalista é uma construção histórica em transformação, e assim como outros sistemas, não são permanentes. Já encontram-se em curso novas formas, experiências e perspectivas que propõem modos alternativos, de habitar o mundo e tecer relações mais recíprocas entre humanos e mais-que-humanos. Um olhar crítico sobre a cidade e a arquitetura não deve se ater apenas à materialidade, mas, sobretudo, compreender e abrir diálogo sobre os diferentes modos de vida, os valores e as relações que elas produzem e sustentam. O Santa Bárbara vive – e quer viver.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In: A exceção e o excesso. *Revista Outra Travessia*, n.5, 2005.
- BARROS, Laura P.; KASTRUP, Virginia (2009). Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana de (org.). *Pistas do Método da Cartografia*. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, p. 52-75.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006. 288p.: il.
- KEMMER, Laura. Spurensicherung - Reter traços. O chão urbano como arquivo de ecologias reparadoras. *arte :lugar :cidade*, v. 1, n. 2, p. 72-100, 1 nov. 2024. Disponível em: <https://www.periodicos.uff.br/arte-lugar-cidade/article/view/65124/37977>. Acesso em: jun. 2026.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LATOUR, Bruno. Qual cosmos, quais cosmopolíticas? Comentário sobre as propostas de paz de Ulrich Beck. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, Brasil, n. 69, p. 427–441, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i69p427-441. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rieb/article/view/145662>. Acesso em: 11 jun. 2026.
- MAGALHÃES, Mário Osório. *Pelotas Princesa* (livro comemorativo ao bicentenário da cidade). Pelotas: Diário Popular, 2012. 150 ps.
- MOORE, Jason W. [Org.] Antropoceno ou Capitaloceno? Natureza, história e a crise do capitalismo / organizado por Jason W. Moore; tradução de Antônio Xerxenesky, Fernando Silva e Silva – São Paulo; Elefante, 2022. 344p.
- PETER, Glenda Dimuro. *Santa Bárbara o Braço Morto do arroio que ainda vive na memória*. Trabalho de Conclusão do Módulo I. Curso de Especialização em Conservação de Patrimônio em Centro Urbanos. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFRGS. Porto Alegre, RS, 2024.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2007.
- ROCHA, Eduardo.; SANTOS, Taís. B. dos. *Verbolário da caminhografia urbana*. Pelotas-RS: Editora Caseira, 2024.

Figura 13 - À esquerda - Ponte de Pedra ao fundo e POP Center (edifício amarelo) à direita. À direita - Foto histórica que retrata o arroio Santa Bárbara atravessando o espaço urbano, e ao fundo a ponte referenciada na Figura 10. Fotos registradas de local e ângulo próximos. Fonte: À esquerda - autoras, 2025. À direita - Pelotas Antiga, sem data/2024. Disponível em: <https://www.facebook.com/Olhassobrepelotas/posts/em-1835-ano-em-que-foi-elevada-cidade-pelotas-j%C3%A1-1-envolvia-o-arroio-santa-b%C3%A1rbara>. Acesso em: Jul. 2025.

ROCHA, Eduardo.; SANTOS, Taís. Como é a caminhografia urbana? Registrar, jogar e criar na cidade. *Arquitextos*, São Paulo, ano 24, n. 281.05, Vitruvius, out. 2023. <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/24.281/8923>>. Acesso em: jun. 2026.

SMITHSON, Robert. Um passeio pelos monumentos de Passaic, Nova Jersey. *Arte & ensaios*. Rio de Janeiro: UFRJ, ano XVII, n. 19, 2009.

SPERLING, David. Cartografias e geopoéticas: grafias e poéticas de mundo mais-que-humanos. Questões Transversais. *Revista de Epistemologias da Comunicação*. v.12. n23. Jan.2024.

SPERLING, David; NOBRE, Ana Luiza. Ground Atlas: ground, map, connect. *In: Anais SIGraDi 2023: XXVII International Conference of the Ibero-American*, 1., 2024, Punta del Este, p. 1349-1360.

STENGERS, Isabelle. *L'invention des sciences modernes*. Paris: La Decouverte, 1993.
TALLY JR. Robert. TO DRAW A MAP IS TO TELL A STORY: INTERVIEW WITH DR. ROBERT T. Taly Jr. ON GEOCRITICISM. Katuscia Darci (Org.). *REVISTA FORMA*. V. 11. PRIMAVERA 2015. p. 27-36. ISSN 2013-7761.

TELLES, Martha. Robert Smithson: a memória e o vazio na paisagem entrópica contemporânea. *Artes e Ensaios*. v.20 n.20 (2010): Em suspensão.

UCPEL. *O canal Santa Bárbara*. Projeto Viva o Santa. Julho, 2009. Disponível em: <https://vivaosanta.wordpress.com/2009/07/09/o-canal-santa-barbara/>. Acesso em: jun. 2026.